

Usos e abusos das fontes documentais no Ensino de História

Gabriel Torelly Fraga – História/UFRGS

Orientador: Nilton Mullet Pereira – Faced/UFRGS

Introdução

Este trabalho de pesquisa pretende estudar as formas pelas quais os documentos históricos têm sido utilizados nas publicações didáticas voltadas para a escola básica brasileira. O documento histórico, utilizado no cotidiano escolar, não faz parte de um exercício inocente e meramente auxiliar, ele participa de um processo em que se cria uma idéia de história. Dessa forma, as modalidades dos usos e abusos das fontes documentais em sala de aula precisam ser teoricamente refletidas. Considerando, conforme Michel Foucault, que todo documento é monumento - no sentido de carregar as marcas do passado que o produziu, mas também as marcas do presente que o selecionou -, entendo que o uso de fontes históricas deve ser realizado de forma complexa, voltando-se para o contexto de produção, apropriação e manipulação inerentes aos vestígios do passado.



O historiador e os documentos

A concepção de documento e as modalidades da crítica documental sofreram importantes alterações com o passar do tempo. Deslocamentos teóricos e metodológicos ocasionaram mudanças e rupturas nos marcos da relação entre o historiador e suas fontes. Investigando o histórico dessa relação ao longo do século XX, foi possível perceber que a concepção de documento histórico, vista inicialmente em termos estritamente objetivos e restrita aos testemunhos escritos oriundos da alta política, aos poucos se modificou. O horizonte abarcado pelas fontes documentais alargou-se, ao mesmo tempo em que a noção de testemunho dada às fontes aos poucos cedeu lugar à idéia de vestígio. Por um lado, fontes imagéticas, vestígios arqueológicos, relatos de viagens, tradições orais, arquivos judiciais, entre outras, tornaram-se parte constituinte da oficina do historiador. Por outro, constatou-se que os documentos, intencionalmente deixados e forjados por um passado que almeja construir uma imagem de si mesmo, não são inocentes, e precisam ser interrogados por um olhar atento e metucioso.



Monge Copista, ilustração da obra *Lês Miracles de Notre Dame*, 1456. *História em curso: da Antiguidade à Globalização*. Vários autores. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008, p. 116

Metodologia e Resultados

Após proceder a uma ampla revisão das publicações didáticas, foi possível perceber a insistência de certas regularidades que não acompanharam o deslocamento das relações entre o historiador e suas fontes e as novas modalidades da crítica documental. Os documentos, utilizados com cada vez maior constância nos livros didáticos, permanecem vinculados a uma concepção de fonte já superada pela historiografia. A fonte histórica emerge, em meio à trama explicativa do texto didático, com caráter de prova ou de ilustração. Em termos gerais, ou ela é utilizada para comprovar a veracidade do conjunto argumentativo/narrativo do texto, ou aparece como mera ilustração responsável por atrair a atenção dos alunos. Há, ainda, nos últimos anos, um aumento da proposição de atividades com os documentos, contudo, raras vezes o exercício proposto é vinculado a uma crítica da complexidade da constituição da fonte como documento histórico. O que se percebe, portanto, no horizonte do universo escolar, é a continuidade da correspondência simplificada entre documento e verdade. Assim, o uso das fontes em sala de aula permanece vinculando o cotidiano escolar aos “espectros do positivismo”, já exorcizados por uma historiografia que percebeu as marcas do poder e as intencionalidades invariavelmente presentes nos recortes documentais.

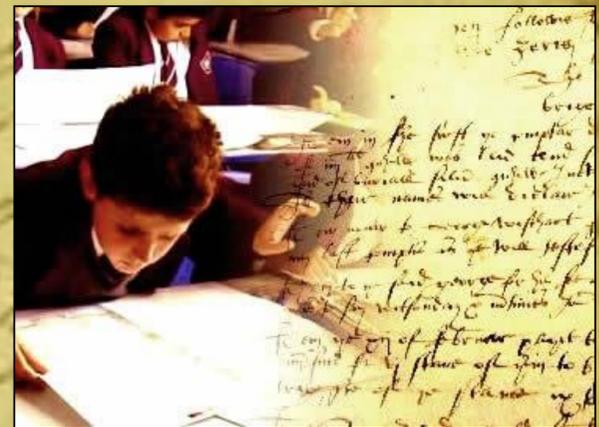


Exame de documentos no Museu Imperial. www.museuimperial.gov.br, acessado dia 01/10/2010.

Considerações Finais

O descompasso constatado entre o saber acadêmico e o universo escolar quanto ao uso das fontes e a crítica documental leva necessariamente a uma questão de ordem teórica. Sabendo que a finalidade da disciplina escolar não é formar pequenos historiadores, e sim indivíduos capazes de realizar uma leitura inteligente dos fenômenos histórico-sociais, caberia incorporar o conceito de documento/monumento à realidade das salas de aula da escola básica?

Entendo que o uso do documento, encarado como vestígio do passado, tem como potencialidade proporcionar aos alunos uma idéia sobre o problemático processo de construção do conhecimento histórico. Abandonando a concepção do documento como prova - como matéria inerte detentora da verdade histórica - os alunos se veriam na necessidade de encarar a fonte como problema, e não mais como resposta pronta e acabada num jogo de decorar o que fizeram e disseram os homens do passado. O uso da fonte histórica, vista como rastro intencionalmente deixado e seletivamente apropriado, faz parte de uma estratégia docente que privilegia a reflexão, entendendo que a lógica de construção do saber deve ser estudada, ultrapassando a velha prática de decorar dados e fatos que posteriormente serão seletivamente marginalizados pela memória.



Uso de documentos históricos em sala de aula. www.educador.brasilescola.com, acessado dia 02/10/2010

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009.
- PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. *O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n.28, p.113-128, dez.2008.